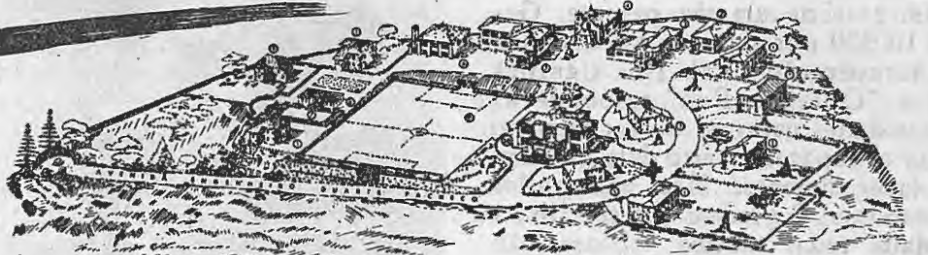




Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO IX N.º 212 Preço 1\$00

CONTAS

De há uns meses a esta parte, vimos sendo severamente prevenidos da obrigação de prestar contas segundo as normas da lei, por causa da magnitude da obra e do montante das suas receitas e despesas. Temos recebido e aceiteado estes recados em boa consciência e dado passos para uma conciliação razoável, porém nada. Os despachos vêm na volta, gelados e inflexíveis: a obra está sujeita à alçada do Tribunal de Contas. Ora eu também digo que sim. As Obras detentoras de fortunas, têm necessariamente de prestar contas conforme as leis do tempo. O que seria sem elas se, mesmo prestando-as, há tanto que falar... Sim. Perfeitamente de acordo. Nós, porém, somos uma coisa diferente. Nós somos outra loiça. A natureza desta obra foge às alçadas.

Eu peço licença para informar a Nação, porque:

Começou-se no ano de 1940 por um acto de renúncia a tudo quanto então possuíamos, com autorização do meu Superior; e a seguir, um voto de pobreza jurado nas mãos do Mesmo, aonde me obriguei sob pena de pecado mortal a gastar só o preciso e nunca ter nada de meu. Com este capital na mão, começamos a servir os Pobres, mendigando nas ruas de Coimbra e distribuindo por eles, à noite, o que durante o dia recebíamos. Volvidos anos, a obra chega a esta magnitude. Cresce o montante das receitas, mas a sua essência não mudou. O seu fundamento continua a ser divino. Não arrecadamos. Distribuimos como dantes; só que agora mais, porque mais. Eis.

Esta mesma doutrina expusemos; que tomassem por esmola quaisquer subsídios e mandassem verificar pelos Inspectores da Assistência se e como as estimamos; por resposta tivemos a letra: veja-se e cumpra-se o artigo 428 do Código Administrativo aprovado pelo Decreto 31095 de 31 de Dezembro de 1940. A letra contra o espírito!

Sabemos que a ignorância da lei não excusa. Porém, se naquele tempo, ao mendigar por Coimbra, eu tivesse sonhado ou alguém me dissesse dela, tomaria imediatamente outro caminho. Assim como também hoje, se as coisas fossem a cabo, eu entregaria; e faço-o com humildade firme, dor inerente e vou-me embora sem nada e sem medo. Depois da renúncia a morte. É preciso impregnar o mundo do Sobrenatural. Não. Enquanto a obra não tiver o rapaz que possa dedicar-se às chamadas contas legais, é inútil esperar outras que não sejam as caseiras que vamos prestando, as quais, não tendo aquela exactidão que a lei requer, são moralmente certas.

É por um simples estado de alma; não é por mais nada, que experimentamos uma relutância invencível em dar ouvidos e executar o momentoso problema da prestação de contas. É tal a força da minha sinceridade, tal a experiência dos meus sacrifícios, tal a doação do meu sangue em gotas, que quase perco os sentidos a cada ofício que chega, rude e desumano, a obrigar, a ameaçar!! Tenho de informar a Nação.

Receio de desvios? Ninguém acredita. É impossível. Não há aí ninguém que não ponha as mãos no fogo. Porquê? Por via da natural transparência da verdade. Ela não pede forças. Não exige raciocínios. Impõe-se.

Burocracia? Mas esta admite critérios. Existem no país Obras de Assistência isentas daquelas contas, por pobres. Nós podemos muito bem entrar aqui. Mas há mais. Temos mais este diálogo e despacho ministerial:

— Trezentos contos, senhor Ministro!
— Sim. Quer levar já o dinheiro?
— Senhor Ministro; eu não posso prestar contas.
— Nem deve. Isto é uma esmo-

Mais «Lixo» para as nossas Colónias

Além de outros que antes tinham ido, partiu o Carlos Alberto para Luanda no princípio de Março e nos fins de Abril, o Amadeu Mendes vai dar à Zambézia.

O primeiro, veio para a obra em pequenino. Correu a escala. Foi dos fundadores da casa de Paço de Sousa. Foi dos fundadores da casa do Tojal, e ultimamente era do Lar de Coimbra, aonde estava tirando o curso industrial e deixou uma vaga na Auto Industrial. Hoje trabalha na cidade de S. Paulo de Luanda, nas oficinas de Angeja & Macedo.

O segundo, também é nosso desde os verdes anos. É muito falado nas edições do *Isto é a Casa do Gaiato*, pelos cargos domésticos que exerceu nas casas de Miranda e de Paço de Sousa. Trabalhava na Pecuária e frequentava o curso comercial, quando foi chamado. Deixa saudades em cada um dos seus irmãos do Lar do Porto, dos quais era mais próximo, e também nos das outras casas. Assinou contrato em Lisboa e vai servir no Luabo a Sena Sugar Estates. Foi o seu companheiro António Teles; foi este que, pelo seu porte, lhe deu entrada, assim como agora, ele, Amadeu, tem obrigação moral de chamar outro.

A Sena Sugar é o colosso da Zambézia. Ocupa milhares de braços e precisa de cabeças. Tem muitas e as mais variadas secções, aonde um rapaz da Casa do Gaiato diz sempre bem.

O Amadeu leva este recado em consciência. Há de cumprir.

A nossa massa é muito ingrata. Muito ingrata. Contudo, nós já estamos a ver se, entre muitos, somos capazes de preparar uns poucos. Para usar as designações da Sena Sugar, veremos quem melhor dá para *Overseer, Compound Manager, Shipping, Trading, Engineering e office clerks*; e a seu tempo falaremos. O senhor Coronel Hornung quis ver pessoalmente o Amadeu, pelo que o chamou a Lisboa. *Adeus meu amigo, até ao Luabo*; foram as últimas palavras que aquele Senhor lhe deu: *meu amigo!* O desejo de o querer observar e o trato que lhe deu, são garantias de futuros rapazes para a Zambézia.

Nesta altura do relato, eu não posso esconder a minha comoção e louvar o Pai Celeste por esta

la do Governo. Vá. Trabalhe e continue a pedir.

Isto me disse o Ministro, — e isto escreveu:

O alto interesse social da obra justifica, de sobejo, a ajuda do Estado. Por isso a concedo à obra e ao homem dispensando formalidades que embarcariam uma acção inspirada apenas em ideais de bondosa e pura solidariedade humana.

Isto é um facho. Duarte Pacheco vive. A sua obra continua. Os seus decretos valem.

sorte de provas, sem as quais eu não poderia suportar outras.

Regozijemo nos todos por ter sido possível causar na alma do Senhor Hornung um tal interesse, a pontos de chamar o feliz rapaz à sua presença; e tanto maior será esse regozijo, quanto melhor se conhecer a sua categoria. Contou-me o Amadeu que era uma sala cheia de gente para lhe falar; pois não havia de ser!

Está para o fim de Abril o seu embarque. Em Luanda encontra *Gaiatos*. Em Lourenço Marques também.

Na Beira, deve vir ao seu encontro, do Luabo, o António Teles. Nascemos ontem e já andamos sósnhos por esse mundo, não nas mãos da Autoridade, como seria, talvez, o caso, se estes não fossem nossos, — mas *sim* livres, de chapéu na cabeça e humildes. Sim, humildes. A humildade é o caminho do homem. Por outros que vá, engana-se. Qual galinha mãe que, na sua fala, pica no chão e chama pelos seus, assim eu vou na minha carreira a chamar por todos para o caminho seguro da humildade. Humildade — fortaleza; aquela que dá o conhecimento de si mesmo e das coisas e das pessoas; a nossa vitória! Este é o meu sermão a cada um que compra bilhete e embarca. Esta a moeda com que ele tem de negociar.

UMA CARTA

«Ouvia «Vossa Voz». Nenhuma missão pode comparar-se à: «A Voz do Gaiato»! Nenhum locutor pode comparar-se a vós!

É a vossa alma que está ao microfone, que nos fala, que nos prende, que vem até nós, até à nossa alma, fazê-la despertar! Que vem acordar a nossa consciência adormecida! Não sei qual será mais preciosa, se a esmola que levais ao vosso pobre, se a esmola que trazeis a quem vos lê, a quem vos ouve!

Que alguém deixe de responder ao vosso apelo, não posso, não quero acreditar!

Tenho desde ontem um mealheiro que vos é destinado. No fim de cada mês, podem vir abri-lo; o que tiver, será a minha quota, o pouco com que vos ajudarei a ajudar quem de tanto precisa! E... se em cada casa houvesse um mealheiro para vós?

Seria como que a vossa presença nos nossos lares, a abençoá-los!

Uma mãe que muito vos quer.»

De como nós fomos por aí abaixo ATÉ À MARINHA GRANDE

O convite, feito há um ror de tempo, veio da Directora do Colégio e Pároco. Chegou a hora. Na caixa do *Morris* metemos o documentário. Ao leme ia o Carlos Gonçalves. Como oradores da festa, iam o Júlio da tipografia, o Carlos Inácio mais o Avelino que, por sinal, chegada a maré, escondeu a cara e não apareceu! Não falou! Não disse nada!

Foi no teatro da vila, às nove e quê. Tudo ocupado. Passou o filme. Dissemos e fomos escutados. Do que se passou e está porventura passando dentro de cada auditor, — só Deus. Quatro famílias da terra, a pedido da Directora, aboletaram os quatro; eu fui em casa do sr. Prior. De regresso tive de ouvir, no *Morris*, tudo de tudo quanto eles ouviram e disseram. Houve um espanto visto como, por «gaiatos», esperavam 4 rapazitos e saem-lhes mas é 4 rapagões! Eles explicaram.

Uma creada de servir deu-me mil escudos!! Eu não queria. Eu dificultei. Nada me valeu. *E' do meu dinheiro*, disse ela, e eu aceitei. Um homem, a quem não deixaram entrar, por andrajoso, deu 5 escudos. Os Industriais não estavam; tinham ido para uma reunião, dizia-se. Em regra, os industriais, raramente estão quando se trata de ouvir e tomar sentido em notícias que não sejam as deles. Era de uma vez um que me chamou e eu fui. Entrei. Na sala de espera havia um relógio de parede, cujo ponteiro deu uma volta aos 60 minutos e eu ali; o senhor estava numa reunião, como à chegada me disse. Senta-se e manda-me fazer o mesmo. Congratula-se: *eu cuidava que v. era mais velho*. Começa por me informar de como está e quanto faz em todas as confrarias e irmandades da terra. A seguir, passa para o Governo e desanca: *levam-nos tudo*. Depois vêm os operários; outra desancadela — *não fazem nada*. Eu já tinha feito o meu juízo e não me enganei: a qualquer um do Barredo, costume dar uma nota maior! Volvi ao *Morris*. De longe vi-se a chaminé da fábrica do pobre *perseguido*.

É muito difícil a qualquer um detentor de riquezas, entrar dentro de si e agradecer a Deus tudo quanto tem e tudo quanto vale; muito difícil. A própria riqueza obsta. Tolhe. Cega. E *contudo*, só naquela humildade se encontra a verdade e só por esta se pratica a justiça. Não existe outro caminho por onde chegar à compreensão de melhorar as artes para uma produção mais séria; dividir proporcionalmente seus lucros por todos quantos ajudam; andar em dia com o espírito do Evangelho. De outra maneira não. Confrarias e irmandades são opas.

*** Esteve cá ontem a fazer o seu fim de semana o Rodrigo Lobo, alfaiate. Este rapaz andava por lá. Entrou. Fez a 4.ª classe. Escolheu o ofício de alfaiate. Ficou livre da vida militar. Colocou-se no Porto e vive em casa de um seu parente. Ganha 100\$00 por semana. Eis um caso de recuperação total. Isto significa que a "Obra da Rua" responde às necessidades naturais do ser humano e que os rapazes, dentro dela, podem-se fazer homens. Mas nem todos aproveitam. É preciso que se saiba a verdade toda; muitos rapazes não aproveitam. Temo-los nas cadeias. Temo-los nas Colónias Penais. Outros voltam à Rua. Outros, ainda, por motivos inconfessáveis, são convidados a retirar. Nós temos aqui tudo de tudo. Somos uma obra humana, aonde o Bem e o Mal são fluxo e refluxo.

*** Também cá esteve o António Prata, soldado no quartel de Engenharia. O Armando torneiro, encontra-se em Tancos. Carlos Gonçalves e Constantino estão à porta. Outros deram os seus nomes. O torneiro, a primeira coisa que fez ao chegar, foi mandar-me uma cartinha a pedir a pensão. *Tenha pena de mim.* O Camilo, que está em Mafra, também me pediu para o ajudar a resolver o problema de um desastre na sua viatura, parece que por sua culpa: *foi uma esmurradela e eu tenho que pagar.* De forma que, crescendo as pensões e prováveis esmurradelas, tenho que por mais uma procissão!

Começamos agora a mandar em cheio para as fileiras. Para alguns que mantêm na Obra postos de responsabilidade, obtivemos a lei do amparo à família, por analogia, e no fim de três meses eles são dispensados. Este ano pediram-se duas «analogias». Não é desfalcar. Em compensação, damos rapazes sádios e de bom porte, que talvez nunca ali fossem...!

Da-mo-los com habilitações de artes e cultura; este ano, dois com carta de ligeiros. Não é desfalcar.

*** Estiveram cá ontem de visita o Xancaxé mai-lo Norberto, do Lar do Porto; e também do Lar de S. João da Madeira, o Manel Risonho e o Fontarcada. Xancaxé, fritou-me aqui por um fato. Trazia roupa emprestada. Mas eu disse que não. Ele já ganha. Trabalha numa casa muito importante. Quer ser electricista e já lhe disseram que pode vir a ganhar seis contos por mês em África e o rapaz ficou a esgaldar com a notícia. Ora eu hei-de falar deste assunto qualquer maré. Hei-de denunciar este mal. Quero retirar do espírito destes jovens o falso ideal de irem para a África por causa do dinheiro. A caça ao dinheiro! Maldito tempos!

*** Piolho também era para vir aqui, de visita, conforme Risonho e outros mas estava doente e não veio. Será para outra vez. Piolho anda com uma aza deitada abaixo. Os seus companheiros injuriaram-no. Ele vinha de noite na bicicleta sem farol e a polícia mandou parar e ele parou e teve de andar com trinta mil reis de multa. Ao saber-se em casa a notícia, o Carlos Inácio diz-lhe — *ó meu grande burro; tu ias em cima de uma bicicleta e paras?! Piolho, desconcertado, geme frases. Declara que não era polícia nenhum; que eram dois guardas republicanos. Pior, muito pior,* responde Carlos Inácio. Piolho continua embaraçado; ele costuma contar à malta as proezas do seu activo quando fugia à polícia, e agora deixa-se apanhar e paga a multa! Piolho estava embaraçado e torna a gemer: *eles vinham armados e eram dois.*

— *Nem que fosse um exército, pá; a essa gente foge-se sempre.*



De todos quantos têm passado pelas Casas do Gaiato, nunca nenhum armou tantos sarilhos como o Periquito; hoje um homem que quer viver a vida, António Moreira da Silva.

E Piolho, desde então, tem andado bastante caído.

*** Houve alguém que nos escreveu a pedir que falássemos daqueles rapazes que nos princípios da casa de Paço de Sousa, davam matéria para esta secção, e eu achei deveras interessante, por isso digo: Oscar, trabalha no Porto. Rio Tinto, da mesma sorte. Zé Sá, em Braga. Ferrerinha, no Luabo, África Oriental. Gari, está ainda no nosso Lar do Porto. Periquito, está hoje aqui é deste que vou falar. O António Moreira da Silva, como ele hoje é, saiu de nossa casa com a arte de barbeiro e foi viver na companhia de sua mãe. Era numa cortelha, ao pé do



A Maria de Lourdes, hoje Moreira da Silva, diz bem no meio de flores.

vo em pecado; eis o fruto da sua adorável confissão.

Mas o antigo Periquito, não fica por aqui. A sua carta continua: *visto que eu gosto de ter pombas veja se pede ao Preta um casal delas correias que eu gosto muito de pombas.* Eu gosto muito de pombas! Quem tiver na sua mão o primeiro volume do *Isto é a Casa do Gaiato*, leia de novo e recorde as maravilhosas páginas aonde ali se fala do Periquito e suas pombas. Ele é hoje o mesmo: *eu gosto muito de pombas e deseja delas no seu novo lar.*

Preta disse que sim e como o Chico das Pombas estava em Paço de Sousa quando eu recebi carta, ele

ISTO É A CASA DO GAIATO

mar da Granja. Em Espinho, aonde trabalha, namora uma rapariga da sua idade e condição. Aqui há uns tempos, escreve-me uma carta extensa e tremida. Tinha-se juntado por força de circunstâncias, que Moreira tentava expor na sua letra indecisa e rabiscada e termina assim: *eu vivo em pecado.* Tomei o Morris e fui por aí abaixo expor-lhe outra desgraça; ele falou-me da moral, e eu disse-lhe da desgraça civil. Da mais séria, porque eterna, tinha-se ele acusado, felizmente. Da outra, acusei-o eu: *olha que o Estado não reconhece manebias.* E disse, disse, disse. Regressei. Vinha triste. Tantos anos, tantas esperanças e quantos trabalhos com este moço...! Não levou muito que não viesse nova carta: *já nos registamos.* Isto era alguma coisa, mas eu queria mais. Eu queria tudo. Trazia o Periquito atravessado. A acção havia de sair dele com a mesma convicção da palavra: *eu estou em pecado.* E assim aconteceu. Na segunda feira de Páscoa deste ano da Graça de Cristo, devem unir-se dois num só: Maria de Lourdes e António Moreira da Silva. Eles aqui estão.

Moreira da Silva, pregou a sua fraqueza, pregou o seu arrependimento e agora diz da sua alegria: *eu já sou pai.* Imediatamente foi carta minha: *estima desde o ventre o teu filhinho.*

O antigo Periquito pede-me que vá assistir ao seu casamento: *eu fazia gosto que o Pai Américo viesse assistir ao casamento visto eu não ter mais ninguém.* E eu faço gosto em ir, porque também não tenho mais ninguém. Juntam-se dois sem nada, para que sejam tudo um para o outro. Eu vi-

também disse que sim; e na segunda feira de Páscoa, devem estar os dois ao casamento, cada um com seu casal das mais formosas pombas dos seus pombais. *Eu vivo em pecado. Vivial!*

Homens e mulheres que viveis em pecado; tomai nota. É tam doce sair dele; pombas!

*** Avelino já tinha feito constar uns ruidos na casa três, debaixo do seu quarto de dormir, mas Júlio, que vive no mesmo, dizia que não; que não ouvia nada; que era a sonhar. Mas Avelino continua na sua e vai mais longe: *é uma galinha com pintainhos!* Momentos depois, estavam rapazes colados às gateiras, de olhos abertos, a descortinar. Era sim senhor. Não havia dúvida. Era uma galinha com seus pintainhos. Vinha eu da capela e entrei na cozinha, quando ali se tratava do caso. Panelas e tudo fervia àquela hora e por causa do assunto. Foi-se chamar o Manel Bucha, por ser pequeno de corpo, mas a cabeça não. A cabeça é grande e Manel Bucha não entrou na gateira. Estavam na maré 35 rapazes. Estava a senhora da cozinha. Estava a senhora das casas. Estava Avelino, o denunciador; Manel Bucha não entrou, como se sabe. Mandou-se buscar o Coelhoinho. Este cabia, masteve medo e desata a chorar. E agora? Estava lá dentro um mistério vivo; um himalaia de curiosidade e fora, a malta, devorada. Nisto o Manel do Embrulho ali presente, atira-se para a gateira. Procura o geito. Expreme-se. A cabeça atravessa as faces do granito. Os presentes suspendem-se; há um arrepio de dúvida. As duas pernas do Manel do Embrulho dão

o derradeiro movimento e ele vai cair dentro. Já cá estou grita do esconderijo!

Não se faz ideia do barulho. Não posso dizer os nomes de todos. A maneira que a voz corria, corriam também rapazes de todas as partes e ocupações. Da boca de um recém-chegado ouvi eu, — *só cá falta um alto falante!* A primeira do Manel do Embrulho, foi por cá fora a galinha. Uma grande duzia de braços estendidos, tomaram conta. Era uma galinha amarela e pimpona.

A seguir, os mais próximos da gateira, comunicam que Manel do Embrulho anda a caçar pintainhos e que os mete no seio. Uma onda de entusiasmo passa e confunde a multidão. Há deles que pincham. Há deles que quase desmaiam. Ouviam-se falar em cinco pintainhos. Em seis. Oito. Doze. A cada número e por cada vez, respondiam ais espumantes. Manel do Embrulho aproxima-se da boca e começa a entregar ao Bernardino os pintainhos. São novelos de formosura. Calçados, fortes, saudáveis, iguais. Só uma cor; amarelos. É do seio que o aventureiro os tira! Um cozinheiro tira o avental, estende os quinze pintainhos!

Foi-se buscar arroz à cosinha e este derrama. A galinha debica e ensina os pequeninos. O entusiasmo recrudescer. Uma lição ao ar livre! Manel do Embrulho anuncia. Ouve-se a sua voz do esconderijo, sonora e cheia de decisão: *vou sair.* Eu estava. Eu não tinha assistido à sua primeira aventura e ia ser testemunha desta. Primeiro os olhos, depois um sorriso de triunfo, agora a cabeça. Vira que vira a procurar o jeito. Eu era todo medo. Vi ali o perigo de uma entaladela. E agora? Nada. Manel do Embrulho saiu!

*** Havia aqui uma grande dificuldade por causa dos dois Júlios da tipografia. Um é Gomes e outro é Mendes, mas nenhum deles queria ser uma coisa nem outra; ambos teimavam no seu nome de batismo. E isto era a confusão de todos os dias. Ora acontece que Júlio Mendes anda agora de óculos. Isto há meses, sim, mas só hoje é que o Focinho, ajudante de cozinheiro, me livrou de dificuldades. Foi assim: eu acudi a uma chamada ao telefone. Focinho também acudiu. Era o Júlio. Alguém do Porto queria falar ao Júlio da tipografia. Transmitti o recado à Focinho; que fosse já já chamar o Júlio e aqui começo a embrulhar: *olha que é o Júlio que manda, não é o Júlio dos jornais.* Quanto mais explicava, mais me espalhava até que Focinho vai direito ao sítio: *é o Júlio dos óculos.* Pronto. Acabaram as confusões. Júlio dos óculos. Viva o Focinho!

*** Chegou a guia da bicicleta. Chamei Papagaio, entreguei e disse-lhe para ir por ela à estação, tendo-o mandado ler antes os dizeres do documento. O rapaz leu; uma bicicleta com lanterna, bomba e campainha. Pergunta-me se podia viajar nela. O viajar é dele. *Podes, sim,* respondi. Larga para a estação e vem sem ela; não tinha chegado. Volta no dia seguinte e na mesma. Ao terceiro sim. Era o dia dos seus anos! Manel do Embrulho e Pombinha, não andam. Ela era também para eles, sim; deviam ter as mesmas regalias que Bernardino e Papagaio, mas como tivessem de ser castigados, a bicicleta prestou um grande serviço. No momento em que Pombinha se preparava para subir, eu apareço e digo: *alto; nem com os olhos. Tu e Manel.*

Hoje andam os dois primeiros somente. Chegado hoje de fora, notei que o Bernardino trazia na cara uma grande esmurradela. Nem perguntei... Vamos a ver se fica por ali!



AQUI, LISBOA!

Fui por aí abaixo e alegro-me por dizer com verdade que tenho conseguido o meu desejo: entrar sózinho nas casas e demorar o tempo que me apetece. O povo daqueles sítios já percebeu ser esta a minha vontade, e deixa-me.

Aonde me demorei mais tempo, desta feita, foi ao pé de duas cancerosas; uma exterior, outra interior, ambas com igual sofrimento.

A primeira vendia peixe. Na estrada marginal entre o Porto e Matozinhos, não há um palmo de terra que ela não tenha calçado. Com muito esforço me fala das suas glórias de vendedeira. Hoje está por pouco... Fez a sua temporada no hospital; agora, são as suas vizinhas. Eu admiro a espantosa união! A lei do empréstimo e arrendamento, ali, não é lei; no Barredo é uma necessidade criada e mantida pela sorte comum daquelas legiões de condenados! Já o sabia. Já tinha dado fé, mas agora, com este caso, muito mais. As vizinhas revezam-se. Há os horários da noite e do dia; àquela hora, estava a sentinela do dia: uma rapariga nova com uma sombra de criança ao peito — sem pai...

A doente é de feições delicadas. Sumida. Fala a custo. Mulher limpa que deve ter sido, hoje continua. As sentinelas assim mo disseram. Estão ali justamente para isso: *ao mais pequenino sinal ela pede que a mudem*. Ali ao pé, um cesto de roupa suja, espera os bons officios de uma outra vizinha. Espantosa união! Amor das *pecadoras* e dos *pecadores* do Barredo.

Era já tarde quando sai dos labirintos. Homens desempregados, encostam-se às paredes. De um grupo deles sai uma voz, *não nos deixe. O nosso fim aqui é a miséria*.

Eis-me no Infante. Subo o Mousinho. Esta palavra fica-me

Como não tivesse dado fé do *Papagaio* no recreio, ontem, à mesa, perguntei-lhe que era feito da bicicleta. O rapaz não me respondeu. Acaba de servir a sopa e desaparece. Os grandes esperam pelo cunduto e nada. Tornam a esperar e *Papagaio* não estava. Quando o chefe se levanta para ir saber, entra ele de bicicleta pela porta dentro, a tocar na campainha com força. Dá uma volta às mesas e vem ao pé de mim, *aqui está ela*. Pronto. Uma demonstração.

*** Passava pouco das seis da manhã, quando oiço barulho de alguém que se dirigia ao meu quarto. Quanto mais perto mais barulho.

Alguém bate à porta e entra. Era o Arouca com uns socos arouqueses nos pés, daí o barulho. Que queria ele? Dar-me uma notícia; *temos mais uma toira*. Tanto me vale desejar sossego como não. Enquanto eu for tudo para todos, tenho que ouvir tudo de todos. Eis.

Nunca a nossa aldeia andou em tanta exaltação como agora! É a senhora da cozinha. A senhora da cozinha deu em esconder galinhas botadas num canto da dispensa e elas começam agora a sair com patos e gansos e perus e pintainhos e esta bicharada causa uma desordem inenarrável. Eu fujo. Eu ando por lá o mais que posso, até ver se isto cresce e se governa e volte a paz.

na intelligencia: *o nosso fim é a miséria*. E isto é verdade! Quando o homem mais precisa é justamente quando tudo lhe falta! Por mais que se diga e ateime, quem lançar os olhos em redor, dá de cara com este panorama. Ficou-me na intelligencia o clamor daquele grupo e comparei. As nossas casas, mormente Paço de Sousa, não é raro visitarem-nos famílias suecas, suíças, norueguesas. Estou mesmo em correspondencia com a Noruega, de onde me pedem fotografias e literatura da obra. Pois bem. Desses visitantes temos tido informações de que na terra deles, não existem estas desgraças. Não as compreendem. Trago isto na intelligencia.

As nossas edições

A primeira folha do *Barredo* andou hoje. Dez mil rotações. Tipo novo. Um primor. Eu mais o Júlio demos os últimos retoques. Aquilo estava da minha mão, mas Júlio fartou-se de catar!

O segundo volume do *Isto é a Casa do Gaiato*, vai na terceira expedição de 500. *Preta e Malaiá* preparam e mal têm aquela quantidade pronta, passam os livros ao Manuel Pinto. Este chama por uma data dos mais espertos, que desatam a fazer pacotes; outros, ainda mais espertos, colam os rótulos. Os mais espertos de todos, verificam as fichas e uma vez tudo em ordem, a ordem deles, aí vem o melhor da festa: o carro de mão!

Agora é um grande sarilho, porquanto todos querem ir a puxar e o Manuel vem e diz que não e marca sómente uns tantos. Mas eu apareço e o sarilho é maior: vai tudo!

Por esta pequenina amostra, não se admirem os leitores das faltas e dos erros, que deviam ser, até, em maior quantidade.

Aparecem muitos nomes a pedir este segundo volume, sinal de que não pediram antes o primeiro e não sabem, por isso, a doutrina do *Piolho*. Pois fiquem já sabendo que, nome que apareça a requisitar um livro, vai imediatamente para a ficha e tantos saiam quantos ele recebe. E tantos recebe quantos tem de pagar. É doutrina do *Piolho*. Por isso mesmo, o seguinte é o *Barredo*.

Isto é a forma como o livro é expedido; a maneira como ele é pago, tem muito mais graça. Primeiramente, manda-se a quem o pede, sem pedir informações, nem fiadores, nem dinheiro, nem nada. Depois, o dinheiro vem quando e como calha, — se calha. Os rapazes da venda, chegam a casa cheios dos mais variados papelinhos, com os mais variados dizeres e todos com uma nota de vinte, pelo menos, mas por vezes, mais. Os papelinhos são escritos a lápis e a tinta e esta e aqueles de variadas cores. É na mesa dos cafés e é nos eléctricos e é nas praças e é nas lojas e é nas *ateneias*, — estes perfumados...

Tudo fala. Tudo quer. É o cachão! Quando cá estava o *Piolho*, desatava a mandar postais a quem lhe parecia não ter ainda pago e senhores houve que pagaram duas vezes e mais um mesmo livro, sem refilar!

Nós devemos ser hoje a maior desorganização acreditada em todo o mundo. Eu mesmo pasmo de como tanto e tantas vezes nos perdoam!

Em distribuição

«Isto é a Casa do Gaiato»

— II VOLUME —

Não se reserve para a última hora! Assim como o primeiro, o segundo volume esgotar-se-á rapidamente!

Faça hoje o seu pedido num simples postal à Editora

Tipografia da Casa do Gaiato
PAÇO DE SOUSA

Não foi sem fundadas apreensões, que começamos a mandar os Rapazes maiores para empregos na cidade. Apesar da liberdade e autonomia de que podem gozar nesta Casa, não deixa de ser brusca a transição. São as tentações da cidade, o meio operário, os falsos camaradas, as longas viagens, os maus encontros, o elemento saias, e a ausencia de vigilância...

Felizmente, depois de seis meses de experiência, podemos tranquilizar-nos um pouco, pois chegamos à conclusão de que só se perdem os que querem, e, o que é mais consolador: há Rapazes que conseguem dominar o meio, pelo menos em certos casos.

De entrada alguns ficam um tanto desorientados. A luta desce a campos em que não estão treinados. Se no da bola ou da agricultura se sentem à vontade, outro tanto não sucede no campo da moral ou da religião; muito menos no da história: — no das histórias, — melhor, como a da papisa Joana e outras.

Mas onde vencem sempre é no campo da Caridade. A experiência vem-lhes das Conferências. Delas promana toda a força apologética da sua argumentação. E são ouvidos com respeito.

Um deles começou a ser conhecido por *sacristão*; passados tempos, ao entrar outro Rapaz da Casa, que ficou com esse título, ele subiu de posto e passou a ser o *Padre João*; depois subiu mais um furo e ficou sendo o *jasuista*; agora é alternadamente o dito e o senhor Sá. Pode ser que não tarde o dia em que será apenas o senhor Sá, diante de quem se tem de tirar o chapéu.

Oito operários lhe pediram que os acompanhassem este ano à desobriga, pois sentem acanhamento dum coisa de que há muito se afastaram. Cinquenta operários assistiram há dias, em S. Domingos, a uma missa por alma dum patrão falecido. O que isto não representa de bom entendimento entre os de cima e os de baixo! Onde melhor do que no templo de Deus de quem todos somos filhos, se pode operar a transfusão de almas, e encontrar a solução do conflito entre patrões e operários?

Impressionante a notícia que um dos Rapazes atirou para a mesa da Conferência com uma nota de 50 escudos: um dos Senhores lá da

fábrica manda esta nota para os nossos Pobres, e diz o seguinte: «como não sei rezar rezem vocês pelo nosso patrão!»

Ontem, ao terminar a reunião, um deles levanta a voz: *vamos, um P. N. pelo patrão João!* A súplica continuará por muito tempo.

A esmola é a grande oração dos que não aprenderam a rezar.

Um outro Senhor que ouviu um dos vicentinos a falar dos Pobres, mandou uma carrada de boas coisas para eles.

Dá gosto saber do amparo moral que os Rapazes vão encontrar, do estímulo que se lhes é oferecido: é igualmente consolador verificar que eles podem também contribuir para uma sociedade melhor.

Parecia que vinhamos para Lisboa para mendigar, mas não: é bem mais aquilo que se dá do que o muito que se recebe.

Tenho esperança de que alguns não-de ser luz providencial, colocada no caminho de almas errantes, mas de boa vontade, que procuram o rumo do Infinito.

PADRE ADRIANO

Residência Paroquial de S. NICOLAU

A Comissão é que tem a palavra; um grupo de paroquianos apressados e comovidos. Sabemos que os que podem não vivem ali; hoje, a freguesia de S. Nicolau, não é lugar de residências. Mas vive o seu pároco. Está a sua igreja, com as necessidades daquela acção social que os tempos pedem. E' dos que moram longe. Deles se espera. Neles se confia. E já. Para já.

O *Gaiato* é o arauto. Já temos os serviços de um engenheiro e um architecto, pai e filho, ambos do Porto. Lisboa quer ajudar o *abnegado pároco de S. Nicolau*. O Porto oferece um vidro para a futura residência. Parece não haver aqui hesitação: *para a futura*. Tudo quanto for chegando escriptura-se para dar aos trabalhadores. Não vamos nós cair no erro dos pusilamines e medrosos...

Comece-se.



O *Piolho* no seu ficheiro. O *Piolho* das saudades. Andamos aqui todos comidinhos delas e ao mesmo tempo satisfeitos porque ele é nosso. É um dos nossos. Está no Lar de S. João da Madeira e empregado na vila. Deus o ajude a ser um rapaz são. O Manuel Pinto é o actual ficheirista. Pontual, zeloso, quieto; não é pau que dê para nada!

Tribuna de Coimbra

Andamos com a alma cheia do que foi a desobriga Pascal do Bairro das Latas. No meio dos charcos aparecem por vezes também flores e são as mais viçosas. Meteram-se ali a trabalhar apóstolos de Cristo e foi o que se viu (quem teve a felicidade de ver). Não houve anúncios, nem convites, nem alarmes. Tudo muito pobre, menos as almas que eram ricas. Quase uma centena de rapazes e para cima doutra doutras pessoas. Na véspera à noite estiveram cinco confesores. Que grande sinceridade e generosidade a daquela gente naquela hora! No outro dia de manhãzinha foi celebrada a Santa Missa numa oficina no meio do Bairro. Quanto nos falamos estas oficinas assim transformadas em altares! Ali desceu aquele Jesus Operário e de Mãos calejadas como a maior parte dos habitantes que ali moram. Aquele Jesus pobre e humilde como eles! Aquele Jesus que ganhou o pão dia a dia como aquela gente! Que bem nos senti-mos ali! Tive a felicidade de celebrar e nunca me senti tão bem como naquela hora. O povo à pinha rezava e cantava.

O Senhor Jesus agora como há dois mil anos na Palestina deve ter exclamado «tenho compaixão de toda esta gente». E o Senhor tem compaixão porque apesar da boa vontade deles, não de continuar na miséria por falta de condições de vida. Tenhamos também nós compaixão. O Bairro das Latas está a levantar-se. Ajudemos, estendendo a nossa mão.

P. S.—1.º O Manuel do Castelo já por duas vezes me disse que lembrasse eu a Páscoa que está à porta. Todos sabem o que é que ele quer; é o que nós queremos também: Amendoas.

2.º—Na Páscoa será entregue outra Casa de Pobres em Miranda. Faltam ainda duas camas; nós não compramos nenhuma e por isso também não queremos comprar agora. Fica à vossa conta; respondi ainda hoje: ou por recado ou por telefone.

P.º Horácio

Agora

Abre uma Regente, com o seu primeiro aumento do mês de Janeiro—25\$; é um pouco do que me faz falta, diz ela na carta. E' justamente isto que dá valor ao acto. A seguir, enfileiram dois do interior de Manica com 395\$ A soma tem cara de ter sido, na sua origem, 200\$ de cada um, mas o Banco meteu-se e o resto já se sabe. O assinante 2358 vai com cem. A Maria leva um trinquete, 50\$. Outra Maria vai com 2 telhas de vidro—50\$. O Porto, 200\$. Vai o Lobito com 100\$, para uma graça que eu e meu marido andamos pedindo a Deus. Que bela oração! Tavira enfileira com 20\$. Mais outro tanto. Um visitante seguiu com 500\$. Ao pé, vai um com 20\$. Riachos, uma telha de 20\$. O assinante 3911, quer ir com 50\$. Setubal leva aqui 100\$. Lisboa fica ao pé e leva 40\$. Um que não assina, vai com 200\$. A seguir, alguém com metade. Uma leitora leva 20\$. Rio de Moinhos 50\$. Ao pé uma telha de 20\$. Lembro aos senhores que nem só telhas.. Uma transmontana vai com uma telha de 100\$. Lisboa outro tanto para as Casas. Funchal 20\$. Leiria idem.

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA Volto a repetir a petição do último número de «O Gaiato». O pedido do n.º 1 do nosso jornal. Como porém, o referido número está esgotadíssimo, apelo para a generosidade de alguns dos nossos prezados assinantes que não façam colecção. Sinceramente agradeço a quem mo puder dispensar o número já citado, ou melhor o número primeiro de «O Gaiato».

A nossa aldeia agora é um mundo de painthos. É uma festa. A senhora da cozinha nomeou um dos pequenitos para tomar conta deles. O escolhido foi o Armindo. A última ninhada foram de patos e gansos. Também tivemos perús. Os mais pequenitos andavam com os painthos ao colo! Mas deu-se um aviso para não agarrarem neles que os matavam de tantas carícias.

Esteve na nossa aldeia uma grande excursão do Carvalhido. Com ela veio uma equipe de futebol que defrontou o grupo dos gaiatos.

A má arbitragem, e o nosso team desfalcado levou-nos à derrota por 2-1. Fomos vencidos e acabou-se...

De passagem para Penafiel onde iam dar um espectáculo, estive de visita à Nossa Aldeia o «Teatro Clássico Universitário do Porto». Eram guitarras. Alguns deles traziam a sua guitarra e outros a viola. No pátio da Casa Mãe fizeram uma pequena demonstração, numa bela guitarra.

Há dias o Bernardino andava na bicicleta dos refeitores, e ia a descer a ribanceira das escolas para as oficinas, tocou a campainha desviou-se das oficinas e surgiu-lhe pela frente a casa!; esta não se arrumou e zás, Bernardino dá-lhe um beijo. Foi uma arranhadela e nada mais.

Aos domingos quem gostar de ciclismo artístico é vir à Casa do Gaiato, e Papagaio executa do melhor que sabe. Os nossos visitantes saem daqui admirados das manobras do Papagaio!

Estamos chegados à Páscoa. A festa da Ressurreição do Senhor.

É costume nesta festa aparecerem as amendoas mai-lo pão de ló. Sempre é melhor avisar os estimados leitores que na Casa do Gaiato de Paço de Sousa estão uns 180 gaiatos, não contando com as visitas que virão do Lar do Porto, como é costume nesse dia.

Que esta festa da Páscoa não seja só para o corpo, mas também para a alma, comungando e louvando o Senhor Deus de Israel.

MANUEL PINTO

COIMBRA Da Nossa Conferência: Coimbra, a cidade da Lusitânia está a lembrar-se que foi aqui que o nosso bondoso Pai Américo começou com a magnífica Obra, que tem salvado muitos jovens e socorrido muitas famílias, Obra esta que é conhecida e falada nos quatro cantos de Portugal, nas Províncias Ultramarinas, no Brasil e quase em todo o mundo. Com a fundação da Nossa Conferência a cidade á quem Mondegó está a acordar do sono em que esteve mergulhada durante algum tempo. Não mergulhada por completo, mas sim, alguma parte. A mocidade estudantil está a corresponder ao apelo que aqui, neste pequeno cantinho, lançamos há tempos.

Já várias vezes aqui falei, e ninguém se deve ter esquecido, da Real República Ai-O-Linda, que mais uma vez volta a ocupar, neste cantinho, um pequeno espaço que traduz todo o nosso reconhecimento. O Sr. Dr. Alfredo teve uma ideia genial. Quereis saber qual foi o caro leitor?

Cotizou-se a República com a bonita importância de 30\$00 mensais. Também não quero deixar de dizer que já por duas vezes ali almocei onde todos os estudantes, reunidos por uma só força, me trataram como sendo eu algum colega de aulas.

Vamos a ver se as Repúblicas, não todas mas algumas, de Coimbra, se aconchegam ao calor da fôrma, para lhe tornar mais viva a chama, a acalantar-lhe uma nova esperança: a esperança de vencer e de fazer o bem à muita miséria que está espalhada por toda a cidade.

Quando fui a última vez àquela República notei um simples pormenor. É que alguns estudantes daquela República são assinantes ou compradores do nosso jornal, e digo isto porque vi em cima de uma mesa um exemplar do nosso «famoso». Eles não só estudam como também lêem o nosso jornal para os fortalecer e os tornar mais fortes de alma.

Aqui deixo um muito obrigado àqueles estudantes todos, como principalmente ao Sr. Dr. Alfredo, e esperando

que outra República venha a ocupar o espaço neste jornal. Muito obrigado aos caros amigos estudantes da Real República do Ai-O-Linda.

Chegou mais um frasco de «Aminacyl» de uma pessoa de Alcaide... Este frasco é dado por um confrade de S. Vicente de Paulo. A este confrade muito obrigado pelo «Aminacyl» que nos enviou. Muito obrigado. A senhora da Rua Henrique Seco, 7 r/c também quero agradecer pelo auxílio que nos enviou para os nossos pobres.

— Como estamos quase no terminus do Campeonato Nacional de Futebol da I Divisão não quero deixar passar esta ocasião para agradecer à Associação de Futebol de Coimbra, que muito gentilmente nos tem facilitado a entrada grátis no Estádio Municipal para presenciarmos os encontros de futebol que ali se realizam. Também ao Sr. Empresário do Teatro Avenida vão os nossos agradecimentos pela entrada naquela casa de espectáculos para saborearmos os filmes que passam pelo «ecran» daquele categorizado Teatro Avenida. Muito obrigado a todos. Obrigado.

JOSÉ MARI FERNANDES

MIRANDA DO CORVO No dia 25 do mês passado, com o fim de deitar para os alicerces a primeira pedra, da casa nova que vai seguir, visitou-nos o nosso Pai Américo, acompanhado do «Morris». O Pai Américo chegou a nossa casa por volta das doze horas, mas não almoçou logo, pois mandou seguir o «Morris» em direcção ao Montoiro, afim de visitar as casas do «Património dos Pobres». Para testemunhar a amizade que têm ao senhor P.º Américo e consequentemente à «Obra da Rua», almoçaram e estiveram presentes na hora do lançamento da primeira pedra os seguintes senhores: o sr. Prior da Vila, o sr. Presidente da Câmara, que ao mesmo tempo com a sua presença nos parece garantir que nos vai ajudar nas construções das novas moradias, o tão dedicado médico o sr. Dr. Altino Bingre e o sr. Gomes que acompanhou o Pai Américo desde Paço de Sousa. O Pai Américo chamou o Zé da Porca, presentemente o nosso mais pequenino, para, com ele, lançarem nos caboucos a dita pedra. Para dar mais realce ao acto, o Adélio nosso chefe, deitou foguetes.

De manhã, como era Dia Santo, houve missa cantada.

Este ano descuidamo-nos um pouco lembrando aos nossos amigos leitores, as amendoas. Tenho fé visto que este jornal sai já um pouco tarde para o efeito, que a alguns dos ditos não seja preciso anunciar-lhes a Páscoa. Aos que ainda de nós se não lembraram, aqui fica o aviso. O nosso Pai Américo volta a visitar-nos na quarta-feira de Páscoa e desnecessário será dizer que gostamos imenso que a Páscoa passada com o nosso Pai Américo, fosse celebrada com amendoas.

CARLOS MANUEL TRINDADE

TOJAL No passado dia vinte e três esteve aqui a passar o dia uma excursão da Rua Renato Baptista.

Vieram acompanhados com o sr. Padre José Maria de Freitas, que nesse dia fez um pedidinho na capela dessa Rua que rendeu 1.100\$00. Cá foi tudo entregue. Trouxeram-nos muitos bolos e amendoas que consolaram toda a malta. Nesse mesmo dia veio outra excursão dos homens da L. O. C. de Fátima, e outra de campistas.

Foi um dia de grande enchente.

Hoje passamos por uma grande vergonha. Um dos que foi vender o Gaiato a uma Companhia de Seguros, roubou 1.400\$ de cima duma secretária, e veio entregá-los em casa dizendo que lhós tinham dado.

O ladrão parecia um anjinho mas enganou-nos. Já se sabe que as nossas casas são para os que trazem destes vícios e às vezes parecem que estão curados—mas não.

Nós pedimos desculpa aos senhores daquela Companhia que têm sido muito nossos amigos.

O Baca é que está encarregado de olhar pelas galinhas e pelos patos.

No sábado veio dizer à senhora que a pata gansa estava choca, e a senhora disse-lhe que fosse arranjar o ninho e por-lhe os ovos para a pata os chocar.

Horas depois a senhora vai ver e deu mas foi com o pato ganso a olhar muito admirado para os ovos. A esperança do Baca!

Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

O déficit está quase a largar-nos! Graças a Deus.

Caminhamos por veredas difíceis e perigosas — mas no momento já avistamos entrada boa...

Oh, que seriam as Conferências de S. Vicente de Paulo sem estas passagens da sua vida? A banalidade.

Ainda o Gaiato estava a rolar no ar, já do Porto o nosso secretário, o Manuel Pinto, nos transmitia a alegre notícia que um Senhor, cujo nome é Ventura, puxou duma notinha de mil escudos, juntamente com um cartão, o qual dizia ser para a conferência que está a meter água. Muito obrigado. Estes mil caíram como a sopa no mel.

Do Porto recebemos 50\$00, e mais vinte. Do Alentejo, da linda Vila Viçosa, uma Senhora que nos não é desconhecida pelo nome, mandou 20\$00. De Aveiro vinte escudos. Castelo Branco segue com 50\$00. De Lagens — Açores — chegaram-nos 100\$00. A Senhora Eva Delgado de Pinhão, Oliveira de Azegues, mandou 20\$ para a Conferência. De Palmela outros vinte escudos. E por fim de S. Bernardino alguém envia 100\$00 para os pobres; para o que mais precisar.

Ficamos por aqui hoje. Com tudo o que descriminamos, falta ainda 1.500 escudos para não de-vermos nada a ninguém.

Júlio Mendes

Para cá tem chovido muito, e a nossa quinta teve uma inundação que já não havia há mais de vinte anos! Estragaram-se muitas coisas, entre elas quase 20 sacos de batatas de semente que se foram pela água abaixo.

CARLOS ALBERTO LOPES

S. JOÃO DA MADEIRA Presados leitores já há muito tempo que não liam nas páginas do nosso famoso as notícias do Lar de João da Madeira.

Com respeito à venda do jornal cá pelas redondezas vai indo, embora um bocadinho abaixo do que ia antigamente; mas conta em melhorar-se.

Por meio do nosso jornal agradeço a uns senhores de Viseu que nos mandaram alguns casais de pombas que o Manuel Risonho trata carinhosamente. Também agradecemos aos donos das algumas fábricas de calçado que nos têm dado muitos pares de sapatos: Nilo, Fox Limitada, Império, Zarco, e também Nicolaus & Companhia, etc..

Da Nossa Conferência: A nossa Conferência está a ser muito esquecida pelos nossos leitores. Mas apesar deste esquecimento, vamos caminhando com entusiasmo, olhando para o futuro com mais esperanças. Actualmente possuímos dentro da nossa Conferência, aproximadamente 40 subscritores, dos quais vive unicamente a conferência. Há mais de um mês que não recebemos qualquer donativo dos nossos benfeitores. Em consequência disso tem a conferência passado momentos aflitivos. Contamos com a generosidade de todos os leitores. Vivemos maré alta de entusiasmo com a construção das Casas para Pobres, agora em curso. Depois de certas dificuldades respeitantes ao terreno, este foi-nos cedido gentilmente pela Ex.ª Câmara Municipal de S. João da Madeira. No momento actual pensamos erguer duas casas. Uma é antecessoramente e especialmente destinada a um pobre, que vive em precárias condições. Para avaliarem a miséria deste pobre, vejamos os leitores — foi pedir um guarda-chuva emprestado a um vizinho para deitar por cima dele para se abrigar da chuva, em sua casa!

A outra casa será igualmente para o mais necessitado. Como os leitores estão vendo, em tão pouco espaço de tempo, a nossa Conferência já vai construir Casas para Pobres. Esperamos dentro destes dias receber alguns donativos, para num futuro próximo podermos socorrer mais alguns desprotegidos da sorte.

RICARDO CIRINO